



Portugal no Fim da Cauda das Competências para a Inteligência Artificial

Publicado em 2026-05-29 15:19:00



BOX DE FACTOS

- O FMI coloca Portugal entre os países menos preparados, num conjunto de 23 economias avaliadas, para equipar os trabalhadores com novas competências ligadas à Inteligência Artificial.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

- A Comissão Europeia assinala que Portugal continua abaixo da média europeia em competências digitais básicas, com desigualdades fortes entre grupos etários e níveis de escolaridade.
- A OCDE mostra que adultos em Portugal ficam abaixo da média em literacia, numeracia e resolução adaptativa de problemas.
- A IA não elimina apenas tarefas: separa sociedades capazes de aprender das sociedades que continuam a administrar o atraso com carimbo, password expirada e PowerPoint ministerial.

Portugal no Fim da Cauda das Competências para a Inteligência Artificial

Portugal não está atrasado na Inteligência Artificial por falta de conferências, slogans ou secretarias de Estado com nomes futuristas. Está atrasado porque chegou ao século XXI com uma parte considerável da população activa sem as ferramentas intelectuais,

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

O relatório do Fundo Monetário Internacional sobre a corrida global por trabalhadores preparados para a Inteligência Artificial é mais do que um aviso técnico: é um espelho. E, como todos os espelhos honestos, não elogia a maquilhagem. Mostra a pele, as rugas, a fadiga e a arquitectura profunda do atraso.

Segundo o FMI, Portugal aparece quase no fundo do *Skill Readiness Index*, um índice que compara a capacidade de 23 países para preparar os seus trabalhadores para novas competências emergentes. À frente surgem países como Irlanda, Finlândia e Dinamarca; Portugal surge perto da cauda, acompanhado por economias onde a formação contínua, a literacia adulta e a requalificação laboral revelam fragilidades sérias.

O dado é duro, mas não é surpreendente. A Inteligência Artificial apenas tornou visível uma doença antiga: Portugal confundiu durante décadas escolarização formal com competência real, diplomas com pensamento crítico, computadores nas escolas com cultura tecnológica, e portais digitais com modernização do Estado. O resultado está agora à vista: muita interface, pouca substância; muita aplicação, pouca compreensão; muito formulário electrónico, pouca inteligência institucional.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

É uma tecnologia transversal, capaz de alterar processos de trabalho, cadeias de decisão, modelos de negócio, investigação científica, programação, logística, educação, saúde, banca, administração pública e indústria. Quem souber usá-la ganha escala. Quem não souber, será usado por ela — ou substituído por quem a souber usar.

O problema português não é o trabalhador individual que nunca teve oportunidade de se formar. O problema é sistémico. É a escola que ainda ensina demasiado por memorização. É a formação profissional que demasiadas vezes serve para cumprir métricas administrativas. É a empresa que vê tecnologia como custo e não como estratégia. É a administração pública que transforma cada inovação num labirinto regulamentar. É a política que prefere anunciar planos a medir resultados.

A IA exige exactamente aquilo que Portugal tem tratado como luxo: literacia, numeracia, pensamento abstracto, capacidade de resolver problemas, autonomia intelectual, domínio de dados, cultura científica, aprendizagem contínua e coragem organizacional. Sem isto, a IA não será motor de produtividade; será apenas mais uma palavra inglesa colada a relatórios nacionais de auto-congratulação.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

resolução adaptativa de problemas. Estes três domínios são precisamente a fundação invisível da economia digital. Não se constrói Inteligência Artificial sobre areia cognitiva. Pode-se comprar software, contratar consultoras, lançar plataformas, importar modas. Mas não se importa, por decreto, uma população preparada para pensar com máquinas.

A Comissão Europeia, no relatório da Década Digital 2025 para Portugal, também assinala dificuldades persistentes nas competências digitais básicas, sobretudo entre pessoas com menor escolaridade e grupos etários mais velhos. Isto revela uma fractura social profunda. A transição digital não está a acontecer sobre uma sociedade homogénea; está a atravessar um país desigual, envelhecido, burocratizado e com demasiadas zonas de baixa intensidade tecnológica.

Quando se fala de IA em Portugal, discute-se frequentemente a ferramenta errada. O problema não é apenas adoptar modelos generativos, comprar licenças ou criar centros de inovação. O problema é saber se os trabalhadores conseguem compreender o contexto, formular perguntas, avaliar respostas, detectar erros, interpretar dados, proteger informação sensível, automatizar processos e

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

inteligência e quem perde autonomia

A IA não afecta todos da mesma forma. Para um trabalhador qualificado, curioso e tecnicamente preparado, ela pode ser uma extensão da inteligência: escreve código, resume documentos, analisa padrões, gera hipóteses, automatiza tarefas, acelera investigação. Para quem não tem bases, pode tornar-se uma muleta perigosa: produz respostas bonitas, mas não necessariamente verdadeiras; dá velocidade, mas não juízo; oferece texto, mas não pensamento.

É aqui que nasce a nova desigualdade. Não será apenas entre ricos e pobres, nem apenas entre licenciados e não licenciados. Será entre quem sabe comandar sistemas inteligentes e quem apenas carrega em botões. Entre quem entende processos e quem repete procedimentos. Entre quem transforma IA em produtividade e quem a usa como verniz tecnológico sobre a mesma velha incompetência.

O World Economic Forum aponta que competências como IA e *big data*, pensamento analítico, literacia tecnológica, criatividade, resiliência, flexibilidade e aprendizagem ao longo da vida serão cada vez mais centrais até 2030. Isto deveria assustar Portugal no bom sentido: não com pânico, mas com urgência. Porque estas competências

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

mudar a capacidade de agir

O FMI recomenda mais formação, requalificação e mobilidade laboral. Está certo. Mas em Portugal há uma armadilha conhecida: transformar qualquer boa recomendação internacional num programa nacional cheio de siglas, candidaturas, intermediários, auditorias, plataformas, consultores e resultados nebulosos. A formação torna-se indústria; a competência, essa, fica muitas vezes à porta.

Portugal precisa de uma revolução formativa séria, mensurável e impiedosa com a fraude estatística. Uma formação que não pergunte apenas quantas pessoas assistiram, mas o que passaram a saber fazer. Uma formação que avalie projectos concretos. Que ensine dados, automação, programação básica, segurança, integração de sistemas, pensamento crítico e aplicação prática da IA em contexto real.

Nas PME, isto significa ensinar empresários e trabalhadores a redesenhar processos: atendimento, facturação, controlo de stocks, manutenção, logística, apoio ao cliente, análise financeira, propostas comerciais, documentação técnica, cibersegurança e qualidade. Na administração pública, significa acabar com a digitalização

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Sem empresas sofisticadas, formar pessoas é preparar emigrantes

Há ainda outro ponto que Portugal costuma esquecer: não basta formar trabalhadores se a economia não tiver empresas capazes de absorver essas competências. Se o país forma talento mas mantém uma economia assente em baixos salários, turismo, comércio de baixa margem, construção especulativa e serviços pouco sofisticados, então a formação torna-se uma auto-estrada para a emigração.

O FMI sublinha que os países mais bem posicionados serão aqueles que conseguem simultaneamente preparar trabalhadores e criar condições para as empresas usarem essas novas competências. Esta frase deveria ser gravada à entrada de todos os ministérios económicos. Porque Portugal não precisa apenas de mais cursos; precisa de mais indústria tecnológica, mais ciência aplicada, mais empresas exportadoras de conhecimento, mais integração entre universidades, politécnicos, centros de investigação e tecido produtivo.

A pergunta decisiva é simples: vamos usar a IA para aumentar a produtividade real do país ou apenas para escrever mais relatórios sobre a produtividade que nunca chega?

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

administração pública portuguesa continuar presa a processos kafkianos, bases de dados que não comunicam, portais instáveis, formulários redundantes e cultura organizacional defensiva. Um país que obriga cidadãos e empresas a lutar contra plataformas públicas mal desenhadas não pode apresentar-se como vanguarda digital sem provocar, no mínimo, uma gargalhada amarga.

A IA poderia libertar tempo, reduzir erros, detectar incoerências, simplificar procedimentos e melhorar serviços públicos. Mas isso exigiria algo mais difícil do que instalar tecnologia: exigiria coragem para eliminar inutilidades, responsabilizar chefias, medir desempenho, simplificar leis e abandonar a velha paixão nacional pelo carimbo, pelo despacho e pela circular interpretativa da circular anterior.

Portugal não precisa de uma IA decorativa. Precisa de uma IA aplicada à reforma profunda do Estado, das empresas e da educação. Precisa de menos cerimónias de lançamento e mais interoperabilidade. Menos discursos sobre inovação e mais código a funcionar. Menos “ecossistemas” e mais resultados.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

A Organização Internacional do Trabalho tem alertado para a exposição de várias profissões à IA generativa, em particular tarefas administrativas, técnicas e profissionais fortemente digitalizadas. Isto não significa que todos esses empregos desapareçam. Significa que serão transformados. E uma transformação pode ser emancipadora ou brutal, conforme a preparação de quem a enfrenta.

Num país com baixas competências médias, a IA pode criar uma dependência perigosa: trabalhadores que usam ferramentas sem as compreender, empresas que automatizam sem estratégia, escolas que deixam alunos delegar pensamento em máquinas, serviços públicos que compram soluções opacas sem fiscalização técnica. A IA pode aumentar inteligência colectiva; mas também pode mascarar ignorância com frases bem compostas. É a diferença entre uma biblioteca e um papagaio electrónico com gravata.

O verdadeiro perigo não é a máquina pensar melhor do que nós. É nós deixarmos de pensar, satisfeitos porque a máquina escreve depressa.

Um plano nacional digno desse nome

Portugal precisa de um plano nacional de competências para a Inteligência Artificial com objectivos claros, avaliação

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

uma alfabetização digital séria para adultos, orientada para problemas reais e não para certificados decorativos. Segundo, uma aposta forte em programação, dados, cibersegurança, automação e pensamento computacional desde a escola. Terceiro, incentivos directos às empresas que adoptem IA com impacto produtivo mensurável, acompanhados de formação efectiva dos trabalhadores.

Mas nada disto funcionará sem uma mudança cultural. É preciso deixar de tratar a competência como ameaça, a exigência como arrogância e o conhecimento como ornamento. Portugal tem demasiadas vezes promovido a obediência em vez da inteligência, a lealdade burocrática em vez da capacidade, o silêncio prudente em vez da pergunta incómoda. A IA, ironicamente, vem castigar exactamente essas culturas.

Conclusão: a cauda não é destino, mas também não é desculpa

Estar no fim da cauda das competências para a IA não é uma fatalidade histórica. Não está escrito nas pedras da Serra da Estrela nem nos arquivos poeirentos de ministério algum. É o resultado de escolhas. Escolhas educativas, económicas, políticas e empresariais.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

tecnologia, ou apenas consumidores obedientes de ferramentas desenhadas noutros lugares?

A Inteligência Artificial será uma das grandes linhas de fractura do século XXI. De um lado ficarão os países que aprendem depressa, organizam melhor, produzem conhecimento e transformam tecnologia em prosperidade. Do outro, os países que continuam a confundir modernização com anúncios, inovação com conferências e estratégia com brochuras.

Portugal ainda pode escolher o lado certo. Mas terá de começar por fazer aquilo que tantas vezes evitou: olhar para o espelho sem pedir ao espelho que minta.

Referências internacionais

- International Monetary Fund — “The Race for AI-Ready Workers”, Finance & Development, Março de 2026.
- International Monetary Fund — “New Skills and AI Are Reshaping the Future of Work”, Janeiro de 2026.
- European Commission — “Portugal 2025 Digital Decade Country Report”, Junho de 2025.
- OECD — “Survey of Adult Skills 2023: Country Notes — Portugal”, Dezembro de 2024.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Jobs: A Refined Global Index of Occupational Exposure ,

Maio de 2025.

Francisco Gonçalves

Publicado em *Fragmentos do Caos*

Artigo escrito em colaboração editorial com **Augustus Veritas**.



Francisco Gonçalves

Tecnologia · Sistemas de Informação · IA

<https://www.linkedin.com/in/fasgoncalves>

Nota Final

Este é, antes de tudo, um problema civilizacional. A Inteligência Artificial veio apenas levantar o pano: por trás dela aparece o velho palco português, com a escola frágil, a formação aparente, a administração pesada, a economia pouco sofisticada e essa tendência nacional para confundir modernização com mais uma plataforma onde ninguém encontra o botão certo.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

mais um espelho dourado onde o país se olha e diz: “Estamos modernos” — enquanto continua parado no mesmo apeadeiro, à espera de um comboio que já passou.

A questão central é brutalmente simples: Portugal quer ser utilizador passivo da inteligência dos outros, ou quer formar cidadãos capazes de criar, comandar e auditar inteligência própria?

Aí está a fronteira. E, como sempre, a fronteira não é tecnológica. É moral, cultural e política.



Ler o e-Book : Portugal Digital — A Nova Colónia do Silício

*Porque, a **independência digital** é o novo 25 de Abril: não se conquista com armas, mas com código.*



[GitHub Pages](#)



[CodeBerg Pages](#)



Fragmentos do Caos:

[Blogue](#)

[Ebooks](#)

[Carrossel](#)

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.